



RÁDIO UNIVERSITÁRIA REPÓRTERES CONTRA A PADRONIZAÇÃO DA NOTÍCIA

Luciano Victor Barros Maluly¹

RESUMO: Este artigo dimensiona o trabalho do docente no processo de ensino das disciplinas de rádio nos cursos de graduação em jornalismo, assim como observa a Rádio Universitária como espaço integrado para o projeto pedagógico dos cursos de comunicação social no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *Rádio; Universidade; Jornalismo; Comunicação; Tecnologia.*

¹ Doutor em Ciências da Comunicação e professor de Radiojornalismo, ambos na ECA-USP.

Introdução

Quando a professora Gisela Swetlana Ortriwano apresenta as principais características do rádio no livro *A informação no rádio - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*, um processo de reforma no ensino da disciplina de radiojornalismo começa a ser discutido e aplicado pelos docentes desta área. A característica de *baixo custo* logo se diferencia entre as demais apresentadas², justamente por possibilitar a aplicação de uma tecnologia ágil e barata no ensino das técnicas e conceitos. Assim é até hoje, quando o estudo da professora é rediscutido ou reapresentado, principalmente na questão da produção radiofônica:

(...) a produção radiofônica é mais barata do que a televisiva, justamente por ser menos complexa. Se levarmos em consideração o grande número de pessoas que recebe a mensagem radiofônica, esse custo de produção se dilui, tornando o rádio o meio de mais baixo custo de produção em relação ao público atingido. (ORTRIWANO, 1985: 79-80)

Após a solidificação dos conceitos da autora, inicia-se o rompimento com o modelo (e as dificuldades) diante da condição do *fazer jornalismo*, como era pedido para o jornal impresso ou no telejornalismo. O visual rebuscado é substituído pelo oral simples. O falante torna-se o centro do processo, apurando os fatos pelos detalhes. O universo das pessoas e dos lugares completam o dizer, com a condição da difícil busca da verdade (BRECHT, 1966: 259-273).

O texto já não fica isolado, porque não é apenas o repórter que comanda o processo. A composição universal é a do noticiário, que aproxima os lugares pela condução da reportagem. A facilidade em transmitir conteúdos dirige a comunicação, coordenada pelo jornalista, que viabiliza a interação e a mobilidade, ou seja, pelo acesso à tecnologia do rádio.

A mensagem derruba os preconceitos sobre a comunicação. Já não é mais tão difícil viabilizar a democratização pela notícia. Torna-se possível conduzir a matéria, sem eliminar o coletivo, sem ser o dono da história, interagindo com o momento, o lugar e as pessoas. Um outro radiojornalismo em que a emissora é o centro que rompe a distância entre o repórter e público. O universo inovador, tanto nas escolas como nas

² Linguagem oral, penetração, mobilidade, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia são as demais características do rádio, segundo a autora. IN ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985, pp. 78-81.

emissoras, concretiza o sonho da liberdade, da possibilidade de autonomia para o repórter, para os ouvintes, para a emissora. Puro engano.

O padrão existente se confirma por meio da prática jornalística. A agenda ainda domina a programação das emissoras de rádio, inclusive as educativas que, muitas vezes, mascaram, como novidade, velhas fórmulas como a de prestação de serviços, tendo o trânsito como o carro-chefe, e a da notícia instantânea, com o repetição de informações. Nas escolas, o laboratório, por um lado formaliza (fortalece/justifica) o estabelecido pelo ensino estático da ‘receita de bolo’, daquilo que já está pronto, daquilo que está sendo ouvido nos programas jornalísticos das emissoras. Pura repetição.

O outro lado fomenta um processo de revolução interna, silenciosa e dinâmica. Em movimento, surge o radiojornalismo transformado, quase música, feito para poucos, para aqueles que gostam de acompanhar as notícias pelo rádio, que precisam do conteúdo ardente, audível e livre. A transgressão interna do professor que descobre, junto com o aluno, a imensidão do jornalismo de rádio. Coordenadores de curso ou chefes de departamento nada percebem, porque as desculpas estão escondidas no ensino da linguagem radiofônica, fase teórica incluída no conteúdo da disciplina. Pura revolta.

A primeira fase – o estático

Ao mesmo tempo em que as tecnologias facilitam o trabalho dos professores e dos estudantes nas escolas de jornalismo, a prática do ensino para o rádio é confundida com o plágio, escondida nas amarguras da notícia já construída, baseada na repetição e na reprodução. Como locutor-redator, o aluno é convidado para a leitura de textos prontos, copiados dos jornais impressos, da televisão, da Internet e das outras emissoras de rádio, por meio do trabalho de radioescuta. A prática é uma maneira de imitar o profissional de rádio, imaginado como o sujeito do microfone protegido pelo aquário do estúdio.

A estrutura do radiojornal é ensinada pelas divisões dos cadernos ou pelas editoriais (política, esportes, economia e assim por diante), como acontece no jornal impresso. Quando interessantes, as notícias são ampliadas pelas ligações telefônicas, mascarando o trabalho de reportagem. Mesmo assim, quando necessárias, as pautas para as reportagens não fogem do padrão tradicional, dos apelos e das arestas da agenda dos

grandes meios. Futebol, telenovela, políticos, mortes, um conjunto perfeito para criar não-jornalistas, mas leitores, como máquinas copiadoras que apenas têm a função de reproduzir, sem questionar.

O relato radiojornalístico fica aprisionado à ditadura do impresso. Ao realimentar os ouvintes com as mesmas informações, os redatores, e não os repórteres, tornam-se o principal elemento do programa. A prática reconfigura o exercício do jornalismo: a reportagem é substituída pela nota, modificando a estrutura do programa e do fazer jornalístico. Para aquele que está ali, sem conhecer a sua função, qualquer informação é válida, desde que não precise sair da sala de redação ou do estúdio.

A produção interna na emissora predomina, tornando-se a conduta mais fácil de *administrar* o jornalismo no rádio. Quando precisa ser mascarada, a nota é reestruturada como boletim, passando a transmissão do locutor para um “redator-repórter”, que faz a leitura ali mesmo no estúdio. Inclusive as reportagens e entrevistas, editadas ou não, são conduzidas da mesma forma, tanto pelos locutores quanto pelos repórteres, já que não há mais distinção entre os gêneros. O velho esquema das sonoras editadas, ou seja, intercalando as falas dos entrevistados com as dos mediadores, é utilizado constantemente nos programas.

4

O jornalismo já não é mais falado, nem dito, nem contato, é apenas lido. Os momentos de reflexão são limitados ao roteiro de perguntas ou na remontagem para a introdução das falas (cabeças de sonoras) para os entrevistados e nada mais. Já não cabe mais ao repórter conduzir a matéria, porque a ele cabe a função de costurar os depoimentos. O exagero ocorre quando uma sonora fica grudada na outra, sem o fala do repórter. Triste fim para a famosa “externa”.

O que faz o professor de radiojornalismo? Utiliza o modelo vigente para o ensino das técnicas usuais. Ensina que as matérias, desde a captação até a transmissão, também podem ser produzidas no inteiro das emissoras, sendo uma prática comum, muitas vezes, para *economizar* tempo, trabalho e dinheiro. Como no caso do jornalismo no Brasil, o mercado pauta a academia e, nas faculdades, muitas vezes, a mesma prática é apenas reproduzida ou adaptada pelo docente, que utiliza o momento para discutir o modelo jornalístico utilizado pelas emissoras.

Durante as aulas no estúdio (poderia ser laboratório) de rádio, os alunos, na maior parte do tempo, produzem notas e boletins na própria faculdade e captam entrevistas pelo telefone, que serão utilizadas para a montagem de reportagens estilo *tudo editado*, montando a base para o programa de rádio. Em menor escala e quando possível, após muitas reclamações, são produzidas matérias externas, muitas jabás, com o aluno indo até o local, fazendo entrevistas, que também são utilizadas para os exercícios de edição de uma possível matéria jornalística.

No final, o programa é produzido tendo como referência o formato e o conteúdo emitido pelas grandes emissoras comerciais. É importante destacar que os alunos selecionam as matérias, os entrevistados, de acordo com o modelo previsto nos manuais de radiojornalismo. O aprendizado é o do esquema já existente. Aqui predomina a formato das emissoras líderes em audiência, ou que, pelos seus agentes ou até mesmo pela tradição, publicou um material de referência.

A segunda fase – o movimento

Agora que o aluno já conhece o *padrão*, o professor começa a ensinar radiojornalismo. Propõe programas que fogem ao roteiro diante da forma e do conteúdo. “Professor, eu ouvi um programa que é assim...”. O mestre logo responde: “Você vai fazer outro, talvez melhor ou, pelo menos, diferente”. A pauta é reajustada, pelo aluno, de acordo com o cotidiano das pessoas, fugindo da agenda (e da prisão) das notícias veiculadas pelos grandes meios, principalmente os transmitidos pelos telejornais brasileiros.

O professor utiliza uma metodologia voltada à reconstrução dos fragmentos, daquilo que sobrou da frase anterior para, posteriormente, implantar um processo mais aberto, voltado ao radiojornalismo inovador, com base na cidadania, em que o aluno, pelo grupo, traduz o universo sem as amarras da ‘receita de bolo’ anunciada nos cadernos de estilo ou mesmo nos duvidosos “estágios” nas emissoras. A criatividade como instrumento de defesa contra o estado letárgico em que operava o ensino do radiojornalismo.

A saída dos docentes é a possibilidade de implementação de práticas rotativas de produção jornalística, com base na montagem de programas diferenciados, com pautas

fomentadas no conhecimento do aluno, daquilo que eles vivenciam, baseadas na visão de cada um, com base num jornalismo popular e alternativo, que atinja os indivíduos que não agüentam mais o “mesmo mundo” construído pelos jornalistas ditos profissionais.

As estruturas são consolidadas pelas equipes, com o conjunto fomentado em duas instâncias sólidas: a produção de matérias externas e a possibilidade de interação. Logo se trabalha com conceitos que vão além dos procedimentos utilizados na fase anterior, àquela em que os alunos adaptam as matérias dos jornais impressos e da Internet. Agora, o professor de radiojornalismo possibilita a compreensão de que o relato (do presente) é constituído pela (presença) do jornalista. A reportagem retoma a posição de destaque no universo do programa. Declara-se o fim do estático para a condução de programas em movimento.

Os alunos trabalham o contato com o (des) conhecido, com a conduta baseada no sentimento (de repórter). O rádio constituído pela capacidade de interação pela (con) vivência, sem os esconderijos da matéria que nunca viu, a não ser pela folha de papel ou pelo visor de um monitor ou de uma televisão. Magia de quem consegue projetar-se na consciência alheia, pela reconstituição daquilo que está ao seu lado, em constante circulação. Histórias de repórter de rádio.

Se o repórter está lá, logo (h) ouve (dizer) alguma coisa. São ilustradas as cores daquilo que ficou sabendo. Conversas que aproximam o radiojornalismo (do) público. O poder compartilhado pela memória, pela interpretação no anseio de contar sobre o sujeito e o objeto.

Rádio Universitária

No bate-papo entre os educadores Paulo Freire e Sérgio Guimarães surge a descrição de um possível formato radiojornalístico, baseado na tecnologia e na interatividade, em que colaborar e participar são formas mascaradas de poder, sendo a conduta determinada pelo acesso aos meios de comunicação de massa, com o rádio como espaço democrático de convivência, mobilização e debate.

Paulo – Eu mesmo já dei entrevista sobre o nosso livro num desses programas em que o radialista transmite o programa da nossa própria casa. Um outro entra no ar, dá um

palpite, faz perguntas etc. São programas em que o ouvinte conversa com o ouvinte, mediado pela estação de rádio.

Sérgio – Ou seja: as possibilidades técnicas existem, quando se quer dialogar. Aliás, aquele programa de unidirecionalidade dos meios, em que tocamos no diálogo anterior, ao meu ver, é até um falso problema.” (Freire & Guimarães, 2003: 42)

Pela experiência libertária dos estudantes, surge o formato independente das rádios universitárias. (COSTA, 1987: 27-38). A emissão democratizada, sem vínculos com o padrão institucionalizado. Um modelo que conduza ao equilíbrio entre os atores do acontecer. A notícia mediada pelo jornalista, que alimenta o processo pela quebra do poder centralizado no comunicador.

O conteúdo fundamentado pelo cotidiano, pelo conjunto de situações corriqueiras vivenciadas pelos alunos. Um programa dos e para os universitários, voltada à comunidade acadêmica, como falantes e ouvintes.

A consolidação da rádio universitária, e não da universidade, por um planejamento voltado para o ensino do jornalismo, assim como das demais habilitações como publicidade e propaganda, radialismo, audiovisual, entre outras correlatas ou com necessita de uso do meio, como as divulgações relacionadas à saúde pública. A concretização da escola radiofônica, desvinculadas das necessidades institucionais e/ou comerciais de seus mantenedores, que vão desde a criação ou manutenção de um canal agregado ao sistema público até a vinculação ao nome do grupo no setor privado.

O planejamento pedagógico dos cursos de rádio condicionado à abertura das emissoras, que fomentam e viabilizam o plano de ensino, ou seja, práticas que vão desde a possibilidade de estágio até a simples transmissão de programas elaborados em sala de aula, desde que o aluno participe das diversas fases do aprendizado, como captação, produção e transmissão. Um projeto em movimento que valorize o estilo do aluno pelo contato direto com a dinâmica do jornalismo de rádio.

Irradiar conhecimento

A supervisão do professor é o atributo básico para a validade do processo. No caso do radiojornalismo, bem como de outros cursos, é essencial acompanhar o processo, para evitar certos abusos ou erros, como a utilização ou exploração do discente como mão-de-obra barata, a ineficácia do exercício profissionalizante na

emissora como a reprodução exagerada de matérias prontas via Internet, entrevistas pelo telefone e, até mesmo, a ausência de qualidade no conteúdo a ser transmitido em um programa produzido pelos alunos. Alguns momentos fogem ao controle do professor, mas, quando atento, a prática não é uma constante. Quando alunos e professores se integram ao planejamento, a atenção redobra, aproximando o conceito de liberdade com responsabilidade.

O predomínio da música e do jornalismo é uma tradição no rádio brasileiro, talvez reforçado pelas indústrias fonográficas e da informação. A programação, principalmente nas emissoras com predomínio do conteúdo musical, sendo a maioria em Frequência modulada, é constituída, quando a emissora não possui um programa jornalístico específico, pela transmissão de algumas notícias nos intervalos entre as canções.

O projeto de ensino nas rádios universitárias, inclusive nas instituições particulares com emissoras comerciais, integra o planejamento de uma emissora na mesma proporção do conteúdo tradicional, ou seja, estará presente na programação, intrínseco à cultura do meio. Os elementos se completam já que ambos compreendem que existe uma interação entre a produção interna dos profissionais e o aprendizado dos alunos. Qual emissora que sobrevive sem música e jornalismo? Neste processo, cabe a universidade concretizar o espaço radiofônico como rádio universitária.

A consolidação ocorre quando o estatuto da universidade prevê a criação da emissora de rádio como um meio possível para o ensino em comunicação social. Formaliza-se uma cultura que instrumentaliza o aluno por meio do universo radiofônico. Desta forma, toda a equipe da rádio começa a observar o estudante como sujeito do processo e não como um estranho que atrapalha (ou compete) com os profissionais da emissora, sendo estes também colocados na posição de ‘professores da prática’, que completam o trabalho acadêmico e auxiliam o futuro comunicador.

Um projeto sólido de Rádio Universitária torna-se sustentável quando os professores e profissionais de rádio estão imbuídos do mesmo propósito, tendo como finalidade a formação de um aluno criativo, crítico, responsável e aberto, que observe as pessoas como parceiras na construção do saber, por meio de um jornalismo:

1. **Flexível:** a programação é, propositalmente, aberta, com a possibilidade de inserção de outras produções desvinculadas da grade da emissora. A rotina é constantemente quebrada com as novidades advindas dos alunos que, ao mesmo tempo, conduzem as pautas para programas fixos conforme cronograma pré-estabelecido junto com o professor, assim como elaboram conteúdos livres fora do planejamento, estabelecendo assim uma possibilidade para a experimentação;

2. **Alternativo:** todas as produções são, constantemente, avaliadas por meio de um diálogo contínuo envolvendo professores, alunos e profissionais da emissora, assim como, se possível, ouvintes, pesquisadores e outros interessados. A prática é conduzida pelo desafio em estabelecer pautas alternativas que discutam os assuntos do cotidiano, com o intuito da construção de mundo melhor, sem falsear o processo de ensino pelo *fazer por fazer*, em que um engana o outro.

3. **Transparente:** a honestidade como fundamento daquilo que será transmitido, formando o aluno como um comunicador responsável diante do conteúdo e da abertura do meio. A idéia permanente do ser atuante, em constante movimento, livre e respeitoso para com os demais integrantes do processo. O convívio como colegas no sentido de evitar o isolamento. Valores permanentes para a integração e valorização do aluno como profissional de comunicação, sem a ilusão de práticas laboratoriais que desvirtuam o aprendizado como a simples leitura de textos prontos no microfone ou até as falsas promessas de contratação.

Considerações finais

O único poder do jornalista é a intenção de transformar o mundo, de melhorar as situações de constrangimento em que vive o povo brasileiro, de se rebelar contra a humilhação de conviver com a espera (nas filas dos hospitais ou causadas pela burocracia), com a sujeira (do lixo jogado na rua ou do jogo político), com a falsa ilusão (de uma escola de qualidade ou de uma justiça ágil e imparcial), com a dor (da violência), com a intenção das pessoas em se *dar bem* pelo dinheiro e poder que destroem as oportunidades de igualdade num país de desiguais.

Consciências estudantis para o desenvolvimento de pautas que revelem o cotidiano e permitam o debate em torno da construção de um país melhor. O sentimento

de transformação por meio da *cultura do pensar* o presente. Dizeres do fato recontado pela perplexidade do repórter que não agüenta mais o mundo padronizado dos grandes jornais, dominados pela padronização das notícias superficiais que, sem respostas, se repete todo dia.

Nas ondas da rádio universitária, a rebeldia no sentido de humanizar o jornalismo, com a cobertura da diversidade, que aceita o diferente, sem ser indiferente. Uma transformação na estrutura pela oportunidade de contar passado e futuro pelo presente e de conversar com aqueles que ficam mudos, ignorados pelas outras emissoras. A interação com o nós, com o repórter como o sujeito ativo e *bom de papo*, que não se fecha entre os muros de uma sala de redação/audição. Ele vai buscar as pessoas pelo convite e pelo convívio, pelo contato com os ruídos do cotidiano.

Agora, o estudante de jornalismo tem a oportunidade de dividir as angústias pela inquietação, pela honestidade do sujeito quem tem orgulho em representar o que é público, o que está fora das outras emissoras. Surge a oportunidade de fugir da pauta, de conhecer gente, de conviver com as situações do repórter que alimenta a vida universitária pela sintonia da estação de rádio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLLIN, Matthew. *Rádio Guerrilha – rock e resistência em Belgrado*. São Paulo: Editora Barracuda, 2006.
- COSTA, Marília Beatriz Ribeiro. *Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás: uma alternativa que busca o seu caminho* IN ORTRIWANO, Gisela Swetlana *Radiojornalismo no Brasil*. São Paulo: Com-Arte, 1987, pp. 27-38.
- FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre a educação (diálogos)*. Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3ª Edição. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- LOPES, Maria Immaculata Vassalo de. *O rádio dos pobres: estudo sobre comunicação de massa, ideologia e marginalidade social*. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

LOPES VIGIL, José Ignácio. *Manual urgente para radialistas apaixonados*. São Paulo: Paulinas, 2003.

LUCHT, Janine Marques Passini. *Gêneros Radiojornalísticos – análise da Rádio Eldorado de São Paulo*. (Tese de doutorado). São Paulo: Umesp, 2009.

MACIEL, Suely. *A interatividade no diálogo de viva-voz na comunicação radiofônica*. (Tese de doutorado). São Paulo: ECA/USP, 2009.

MARANHÃO Filho, Luiz. *Rádios Universitárias: Escola ou passatempo?* Recife: Editorial Jangada, 1996.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. *Rádio e cidade – veículos sonoros*. São Paulo: Annablume, 2007.

NEVEU, Érik. *Sociologia do jornalismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio - os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.